

# Nigéria e São Tomé e Príncipe: uma relação centrada no petróleo e na geoestratégia

GUSTAVO PLÁCIDO DOS SANTOS

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

O primeiro-ministro de São Tomé e Príncipe (STP), Patrice Trovoada, deslocou-se à Nigéria para participar numa conferência com o título “Segurança no Golfo da Guiné”, aproveitando também para se reunir com o recém-eleito Presidente da Nigéria, Muhammadu Buhari. O encontro serviu para discutir a intensificação da cooperação dos dois países com parceiros regionais no âmbito do combate à pirataria e insegurança no Golfo da Guiné, bem como para abordar a necessidade de rever as actividades ao abrigo da Autoridade de Desenvolvimento Conjunto (ADC) — *joint venture* entre a Nigéria e STP que visa potenciar a exploração de petróleo e outros recursos numa área que abrange território marítimo soberano dos dois países, denominada de Zona de Desenvolvimento Conjunto (ZDC) — de forma a torná-la mais eficiente e produtiva.<sup>1</sup>

A visita de Patrice Trovoada à capital da maior potência regional da África Subsaariana é reveladora da importância estratégica de STP para a Nigéria. O interesse da maior economia africana num dos países mais pequenos do continente centra-se no facto de o arquipélago estar localizado no coração do Golfo da Guiné, uma região rica

em petróleo e numa vasta variedade de outros recursos naturais, bem como central para o comércio regional e internacional. Importa também realçar as considerações geopolíticas e geoestratégicas de Abuja em relação a STP, nomeadamente no que respeita à crescente influência de Angola no Golfo da Guiné.

## Petróleo e o Golfo da Guiné

É a relevância das imensas reservas petrolíferas no Golfo que ressalta à primeira vista quando se fala na região, muito por força do facto de o petróleo representar a principal fonte de financiamento das grandes potências do Golfo — 90% e 98% das receitas das exportações na Nigéria e em Angola, respectivamente.

No entanto, a queda dos preços do petróleo tem abalado as finanças dos países produtores. O governo de Abuja depara-se ainda com a redução da procura pelo seu petróleo, nomeadamente da parte do seu maior cliente, os EUA — motivada pela revolução do petróleo de xisto (*shale oil*) — e da Europa. Tal, no entanto, não se tem materializado, pelo menos significativamente, em Angola, a qual tem na China o seu maior importador de petróleo. Ora, porque razão a Nigéria não procura virar o seu mercado petrolífero para a China? A resposta assenta no facto de a maior parte do crude extraído em território ni-

<sup>1</sup> “Nigeria, Sao Tome & Principe to review joint development authority” (*Premium Times*, 2 de Setembro de 2015).



geriano ser em larga medida “light sweet”. Em contraste, o petróleo angolano é “heavy sweet”. Ora, nas palavras de um especialista no mercado petrolífero, “o crude angolano depende de países que crescem a um ritmo de 5% a 10%, enquanto [os cru- des da] Nigéria dependem fortemente da Europa, onde as economias estão no geral em declínio”.<sup>2</sup>

São Tomé é vital para a Nigéria neste contexto, em particular através da ZDC. Apesar de até ao momento não ter ainda sido descoberto petróleo em quantidades comercialmente viáveis,<sup>3</sup> a Nigéria terá seguramente esperança que, caso tal aconteça, a qualidade do petróleo seja atractivo para as economias emergentes.

#### Que destino para a ZDC?

Contudo, as perspectivas de exploração de petróleo na ZDC continuam a não ser as melhores. Isso deve-se, em larga medida, à manutenção dos preços do petróleo em níveis que tornam o investimento na exploração de petróleo em pequenos blocos pouco viável financeiramente, como é o caso na ZDC. Ora, o desinvestimento no petróleo tem levantado dúvidas quanto à viabilidade das reservas santomenses, constituindo um duro golpe para as perspectivas económicas de STP.<sup>4</sup>

Dada esta conjuntura, entende-se porque, durante a conferência, Patrice Trovoada tenha desvalorizado o papel do petróleo na economia de STP, considerando as potenciais receitas do recurso como um mero “bónus”.<sup>5</sup> Já em Julho de 2015, tinha considera-

do “errado ficarmos à espera de um recurso hipotético, especulativo, como o petróleo”.<sup>6</sup>

Este aparente afastamento da prioridade do petróleo esteve também presente na cena política nigeriana. Em Março de 2014, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Mohammed Nurudeen, descreveu a ADC como “frustrante”, levantando a hipótese de a Nigéria abandonar o projecto.<sup>7</sup> Não obstante estes desenvolvimentos, Trovoada comunicou a Buhari, durante o encontro, que STP vê com bons olhos a discussão do projecto já em 2016. Posto isto, será possível que o tom das discussões sobre a ADC seja diferente, no sentido de se criar mais sinergias para garantir maior eficácia e produtividade, em particular no domínio do petróleo. Por outro lado, não será de excluir que a manutenção dos preços do petróleo em níveis não atractivos, possa desincentivar o foco da *joint venture* na exploração do petróleo na ZDC, favorecendo assim uma aposta noutros sectores.

Apesar de pouco provável, esta segunda hipótese ganha força com o facto de Patrice Trovoada ter vindo a enfatizar o potencial da biodiversidade, das pescas, do turismo e do potencial humano para a sustentabilidade económica do país. Trovoada tem realçado também a necessidade de “desenvolver melhor o nosso país através das trocas comerciais”, tirando partido de uma “vizinhança de grandes consumidores e classe média a crescer quase a dois dígitos por ano”.<sup>8</sup>

Importa notar que a importância estratégica de São Tomé para Nigéria engloba interesses geopolíticos e geoestratégicos. Desde que venceu as eleições, o Presidente nigeriano, Muhammadu Buhari, tem seguido uma linha de política externa diferente do seu predecessor: o foco principal está na vizinhança, depois na sub-região da África Ocidental e, em terceiro lugar, no resto do mundo.

2 Eklavya Gupta, “A tale of two crudes: Nigeria and Angola” (*Platts, McGraw Hill Financial*, 25 de Maio de 2015).

3 “São Tomé and Príncipe” (Extractive Industries Transparency Initiative).

4 “Total abandons JDZ Block 1” (*Economist Intelligence Unit*, 16 de Setembro de 2013); “Oil company to prospect for oil in Nigeria/São Tomé and Príncipe joint area” (Macauhub, 21 de Maio de 2015); e, Ver Gerhard Seibert, “São Tomé and Príncipe: The End of the Oil Dream?” (IPRIS Viewpoints, No. 134, September 2013).

5 Kayode Komolafe, “When Oil is Not All” (*This Day Live*, 2 de Setembro de 2015).

6 “Patrice Trovoada diz que o futuro de São Tomé não pode esperar pelo petróleo” (*Lusa*, 6 de Julho de 2015).

7 Luke Ajulo “Nigeria describes Joint Oil Venture with Sao Tome and Principe as frustrating” (*WorldStage*, 20 de Março de 2014).

8 “Patrice Trovoada diz que o futuro de São Tomé não pode esperar pelo petróleo” (*Lusa*, 6 de Julho de 2015).



## O primado da segurança

Independentemente do rumo seguido, será sempre necessário garantir a segurança e estabilidade no Golfo da Guiné. Ora, durante o encontro com Trovoada, Buhari afirmou que “[c]om o seu interesse estratégico mútuo na segurança no Golfo da Guiné, a Nigéria e São Tomé e Príncipe devem trabalhar mais arduamente com outras partes interessadas de forma a mantê-lo seguro”.<sup>9</sup> Ainda durante o encontro, o Presidente nigeriano realçou o impacto nefasto da pirataria nos países regionais, assegurando a Patrice Trovoada que a Nigéria fará tudo o que estiver no seu alcance para reforçar a segurança na região.<sup>10</sup>

A Nigéria é aqui crucial, dado o seu papel de liderança e capacidade das suas forças de segurança. Por seu turno, dada a escassez de recursos navais, STP poderá tirar partido da sua localização estratégica de modo a contribuir para uma eventual colaboração regional com vista à segurança no Golfo, “usando vigilância tecnológica e radares, pois temos uma grande cobertura e um amplo ângulo sonoro e visual”.<sup>11</sup>

Garantir a segurança no Golfo da Guiné terá necessariamente de ir além da protecção do sector do petróleo e de operações militares anti-pirataria, incluindo o “envolvimento das populações, melhor economia, melhor política social, melhor diálogo e melhor democracia”.<sup>12</sup> Isto, no entanto, enfrenta um forte obstáculo oriundo dos interesses estabelecidos: durante a conferência, o director-geral da petrolífera estatal nigeriana, Emmanuel Ibe Kachikwu, insistiu na necessidade de dar prioridade à segurança do sector petrolífero no Golfo.

## Nigéria e a sua esfera de influência

Importa ainda notar que a importância estratégica de STP para Nigéria engloba interesses geopolíticos e geoestratégicos. Desde que venceu as eleições, Buhari tem seguido uma linha de política externa diferente do seu predecessor: o foco principal está na vizinhança, depois na sub-região da África Ocidental e, em terceiro lugar, no resto do mundo.

São Tomé, que se coloca na segunda categoria, é hoje uma peça importante no xadrez geoestratégico da Nigéria, em particular no que respeita à disputa com Angola por maior influência no Golfo da Guiné. Importa notar que Luanda tem actualmente uma presença económica e política considerável sobre quatro países lusófonos que integram a esfera de influência nigeriana: Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Cabo Verde e, claro está, STP.

Angola foi o primeiro destino oficial de Patrice Trovoada como primeiro-ministro, onde se reuniu com o Presidente José Eduardo dos Santos, de modo a reforçar as relações bilaterais entre os dois países.<sup>13</sup> Acresce que ao longo dos últimos anos, empresas angolanas têm assumido posições estratégicas na economia de STP, nomeadamente através da Sonangol: comprou a Empresa de Combustíveis e Óleo de STP; adquiriu 51% da companhia aérea estatal STP; obteve uma concessão de 30 anos para operar o principal porto do país e o aeroporto internacional; e a operadora de telecomunicações angolana Unitel entrou no mercado santomense.<sup>14</sup> Para além disso, em Janeiro de 2014 Angola abriu uma linha de crédito de 180 milhões de dólares a STP, de modo a aprofundar a influência angolana no arquipélago.<sup>15</sup>

Angola é também o segundo país que mais formação dá a militares santomenses — a seguir a Portugal —, estando actualmente a apoiar STP na preparação de uma estratégia para o combate ao crime organizado, a qual incluirá a formação da Polícia Nacional.<sup>16</sup>

Nos últimos anos, Angola tem demonstrado interesse no petróleo santomense, colocando-se “inteiramente à disposição para partilhar os seus conhecimentos e com o mesmo empenho ajudar São Tomé e Príncipe” na exploração do recurso, disse o presidente do Parlamento angolano aquando de uma visita a STP em Julho de 2014.<sup>17</sup> De facto, a Sonangol tem já uma participação na exploração petrolífera na ZDC — no Bloco 2 —, sob a forma de uma *joint venture* com a chinesa Sinopec. Resta saber se a Nigéria permitirá a expansão dos interesses angolanos na ZDC.

## Interesses geoestratégicos vs. segurança

Veremos até que ponto a visão de política externa de Buhari irá contribuir para a aproximação da Nigéria a STP. O pequeno arquipélago está incluído na segunda linha de prioridades, longe de receber a mesma consideração que Abuja dá a contextos como a instabilidade no nordeste da Nigéria — o Boko Haram — e a volatilidade no Delta do Níger.

Contudo, seguramente que Buhari reconhece a importância do Golfo da Guiné para a estabilidade, segurança e desenvolvimento económico da Nigéria. Importa notar que a volatilidade no Delta do Níger está profundamente ligada à insegurança no Golfo da Guiné, e vice-versa. Logo, promover a cooperação regional será um passo importante, independentemente do nível de sucesso na exploração de petróleo na ZDC.

9 “Nigeria seeks joint efforts on security in Gulf of Guinea” (*Agence France-Presse*, 2 de Setembro de 2015).

10 “Nigeria, Sao Tome & Principe to review joint development authority”.

11 “São Tomé PM: Social cohesion needs economic growth” (*New African Magazine*, 17 de Agosto de 2015).

12 “PM são-tomense na Nigéria para conferência sobre segurança no golfo da Guiné” (*Lusa*, 31 de Agosto de 2015).

13 “Patrice Trovoada termina visita a Angola” (*Agência Angola Press*, 14 de janeiro de 2015).

14 “Angola increases its footprint in São Tomé and Príncipe” (*Economist Intelligence Unit*, 14 de Agosto de 2014).

15 “Angola boosts its influence in Sao Tome and Principe with credit line” (*Macauhub*, 27 de Janeiro de 2014).

16 “Angola ajuda São Tomé e Príncipe a combater crime organizado” (*Voz da América*, 27 de Agosto de 2015).

17 “Angola disponível para apoiar exploração petrolífera em São Tomé e Príncipe” (*Macauhub*, 4 de Julho de 2014).



São Tomé é relevante nesse contexto, dada a sua localização geoestratégica no coração do Golfo da Guiné, na medida em que poderá ser um posto avançado de monitorização e vigilância na região e, não menos importante, um factor central no futuro da indústria petrolífera e finanças públicas nigerianas. Com isto em mente, urge dotar o país com recursos e capacidades para exercer essas funções. Ora, de acordo com declarações recentes, Nigéria e Angola estarão dispostos a fazê-lo. Porém, há que ter em conta o impacto do conflito de interesses entre as duas potências africanas na região. Uma eventual cooperação regional terá necessariamente de

contar com Angola e Nigéria — dois dos poucos países africanos com real capacidade para fazer a diferença no contexto securitário — sob pena de não surtir qualquer efeito na consolidação de um ambiente estável e seguro. No entanto, urge notar que é improvável que a Nigéria olhe com bons olhos para a expansão dos interesses angolanos numa região de imenso valor geoestratégico, em particular na ZDC.

Posto isto, a questão que se coloca é: até que ponto a rivalidade entre estas duas potências poderá bloquear os esforços para a consolidação da estabilidade e da segurança no Golfo da Guiné e nos países que o compõem?

**EDITOR** | Paulo Gorjão

**EDITOR ASSISTENTE** | Gustavo Plácido dos Santos

DESIGN | Atelier Teresa Cardoso Bastos

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)  
Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa  
PORTUGAL

<http://www.ipris.org>

email: [ipris@ipris.org](mailto:ipris@ipris.org)

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões do IPRIS.

Parceiros



Mecenas

